

A FORMAÇÃO HISTÓRICA DO LÉXICO DA LÍNGUA PORTUGUESA,

Elis de Almeida Cardoso

*Chega mais perto e contempla as palavras.
Cada uma
tem mil faces secretas sob a face neutra.*

CARLOS DRUMMOND DE ANDRÁDE

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

UM DOS ASPECTOS do estudo da história da língua portuguesa e suas fases — a *pré-histórica* (desde a origem até o século IX, quando surgem os primeiros documentos latino-portugueses), a *proto-histórica* (do século IX ao século XII, época em que aparecem os textos escritos em latim bárbaro), a *histórica arcaica* (do século XII, quando aparecem os primeiros textos em português, ao século XVI) e a *histórica moderna* (do século XVI, com a publicação de *Os Lusíadas*, aos nossos dias) — consiste na verificação de como o léxico português, de origem basicamente latina, se formou ao longo dos séculos.

Ao fundo latino, proveniente do latim vulgar, nem-se não só palavras de línguas já existentes na Península Ibérica antes da romanização (o celta, por exemplo), como também palavras de línguas de povos que tiveram contato direto com a língua portuguesa. Percebe-se, dessa maneira, no português: influência árabe, germânica, africana, tupi, entre outras. Isso sem contar a influência do francês, do italiano, do inglês...

Os empréstimos resultam, na maioria das vezes, de uma necessidade da língua. Hoje, penetram, sobretudo, por intermédio da mídia. São considerados o produto de um mimetismo que se desenvolve em razão do prestígio exercido por um tipo de sociedade, dominada principalmente pelo poder do dinheiro e pela moda.

De acordo com Vilela (1994, pp. 12-4), o léxico do português atual é o resultado de um fio condutor essencial, proveniente do latim, ao qual se acrescentaram empréstimos múltiplos. Para o autor,

o léxico é o subsistema da língua mais dinâmico, porque é o elemento mais diretamente chamado a configurar linguisticamente o que há de novo, e por isso é nele que se refletem mais clara e imediatamente todas as mudanças ou inovações políticas, econômicas, sociais, culturais ou científicas.

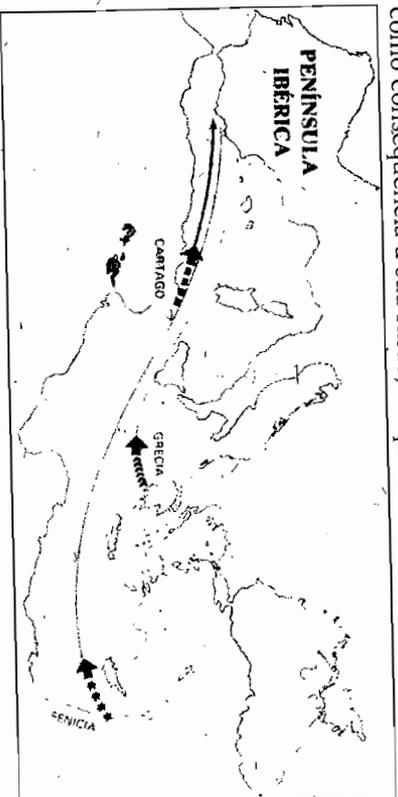
A PENÍNSULA IBÉRICA ANTES DOS ROMANOS

Proveniente do latim vulgar introduzido pelos romanos na Lusitânia, região situada ao ocidente da Península Ibérica, a língua portuguesa se transformou devido às circunstâncias ligadas à história da península.

Por sua localização privilegiada e por suas riquezas, a Península Ibérica sempre foi uma região muito disputada. Diferentes povos

chegaram àquele lugar, deixando marcas culturais e linguísticas. Estudos concluem que dois povos primitivos — um cântabro-pirenáico e outro mediterrâneo — habitaram inicialmente a região, e de suas línguas teriam se originado o basco e o ibero. Fenícios e gregos lutaram pela terra. No ano 1100 a.C., os fenícios se fixaram na costa meridional da península, fundando *Gadir* (*Cádiz*). Os gregos estabeleceram-se no levante, criando feitorias. Acredita-se que os lígures, habitantes do noroeste da Itália, também se tenham estabelecido na península, estendendo seus domínios para o norte e o oeste.

No século V a.C. foi a vez da chegada dos celtas — provenientes do Sul da Germânia — que, depois de haver dominado as Gálias, expandiram-se por toda a Península Ibérica. Os celtas eram guerreiros e agricultores, e sua preocupação era a defesa das terras conquistadas. Topônimos que contêm a palavra *briga* (*fortaleza*) revelam essa preocupação: *Cominbriga* (*Coimbra*), *Brigantium* (*Bragança*). No vocabulário geral é grande a contribuição dada por esse povo: *camisa* (*camisia*), *cabana* (*capanna*), *cerveja* (*ceervisia*), *carro* (*carrus*), *vassalo* (*vassalus*), *mantiega* (*mantiga*), *gato* (*catinus*). Muitos desses vocábulos celtas entraram na língua portuguesa por meio do latim. A coabitação de celtas e iberos no solo hispânico teve como consequência a sua fusão, de que resultaram os celtiberos.



Rota seguida: ********* pelos Fenícios; **-----** pelos Gregos; **.....** pelos Cartaginenses

De origem fenícia, restaram-nos palavras como *malha* e *mapa*. A influência fenícia ocorreu sobretudo por conta dos cartagineses, que falavam o púnico, um dialeto fenício.

A ROMANIZAÇÃO DA PENÍNSULA IBÉRICA

Cartago era uma cidade que crescia e afrontava o poderio de Roma. Como as duas potências desejavam o mesmo espaço, entraram em confronto, decorrendo daí três grandes guerras — as chamadas guerras púnicas — que se estenderam de 264 a. C. a 146 a. C. Venceram as legiões romanas. Durante a segunda guerra púnica, os romanos desembarcam na Península Ibérica (no ano 218 a. C.), arrasam os cartagineses, que ali haviam fundado cidades, e empreendem, então, a conquista do território. Todos os povos da península, com exceção dos bascos, adotam o latim como língua.

Coutinho (1972, p. 48) distingue duas épocas principais na história da romanização da Ibéria: a primeira vai desde as guerras púnicas, quando Roma ainda era uma república, até o estabelecimento do Império. É uma fase predominantemente guerreira. A segunda começa com o advento de Augusto e abrange todo o período imperial. É uma fase de paz e assimilação.

O latim chegou à Península Ibérica com prestígio de língua oficial. Levado pelos legionários, colonos, comerciantes e funcionários públicos romanos, impôs-se e expandiu-se. Esse latim, entretanto, era o *sermo vulgaris, plebeius* ou *rusticus*. O latim escrito mantém-se como a única língua de cultura, o latim falado transforma-se e diversifica-se.

O léxico do latim literário e o do vulgar apresentavam muitas diferenças. O latim literário procurava empregar as palavras sinôni-

mas, cada qual com sua nuance, *os* e *bucca*: *bucca* designava as bochechas, e *os*, a boca; *grandis* e *magnus*: *grandis* era de significado material, tamanho físico, e *magnus*, moral, intelectual; *alius* e *alter*: *alter* só se empregava para indicar o outro entre dois objetos ou seres (*alter oculus, altera manus*), e *alius*, o outro entre muitos (*alius homo, alius digitus, alii capilli*); *crus* e *perna*: *crus* era a perna humana, e *perna*, a dos animais; *caput* e *testa*: *caput* designava a cabeça toda, e *testa* era a rolla das garrafas. O latim vulgar confundiu essas diferenças de significado e usou *bucca* por *os*, abandonou *magnus* e só empregou *grandis*; deu a *alter* o significado de *alius* e este desapareceu; ignorou *crus* e utilizou apenas *perna*; *testa* passou a indicar somente a frente e *caput* foi transformado em *cabo*, dando a idéia de *extremidade, fim* e *chefe*. No latim da Ibéria, surgiu um novo vocábulo derivado de *caput*: *capitia*, de que nos veio *cabeça*. O celtsmo *caballus*, já acolhido pelo latim vulgar, suplantou *equus*. *Cattus* prevaleceu sobre *felis*. *Focus*, que indicava o fogo da casa, substituiu *ignis*. *Cor*, que só ficou na expressão *saber de cor*, foi substituído por *corationem*. Se o clássico distinguia entre *homo* e *vir*, o vulgar só empregava a primeira forma: *hominem* (*homenem*).

Diminutivos do latim clássico — *oricula, auricula, acucula, geniculum* — eram utilizados no latim vulgar como se fossem palavras em grau normal e assim passaram para o português: *orelha, orilha, agulha, geolho*, depois *joelho*. Comparativos de superioridade na forma sintética em *-ior* (*senior, junior, interior, exterior, anterior, posterior*) perderam a idéia de graduação. Não se pensa mais no real significado dessas palavras: *mais velho, mais moço, mais dentro, mais fora, mais à frente, mais atrás*. Os superlativos clássicos em *-issimus, -linus, -rimus* — *carrissimus, fragillimus, celeberrimus* — foram substituídos por formas analíticas: *multum carnis, multum fragilis, multum celebrer*. O latim vulgar trouxe para a Lusitânia um gema-nismo já por ele adotado: *werra* (*guerra*), em lugar de *bellum*.

A esse fundo latino acrescentaram-se palavras novas, sobretudo de empréstimos provenientes das línguas dos primeiros povos que habitaram a península: *barro, manteiga, sapo, esquerda* etc. Mas os empréstimos realmente importantes que se fizeram entre a época romana e os primeiros textos escritos vêm do germânico e do árabe.

DA INVASÃO BÁRBARA À INVASÃO ÁRABE

No século V (409), povos germânicos — vândalos, suevos e alanos, seguidos, mais tarde, por visigodos — invadiram a Península Ibérica. Os alanos não resistiram e desapareceram; os vândalos, depois de cruzar o território em direção ao sul (*Vandaluzia/Andaluzia*), atravessaram Gibraltar e seguiram para o Norte da África. Os suevos estabeleceram-se na Galícia e na Lusitânia, onde permaneceram por muito tempo. Com a chegada dos visigodos, foram absorvidos (século VI).

Os povos germânicos eram rudes e guerreiros. Mesmo vencedores — foram os responsáveis pelo rompimento da unidade romana —, adotaram o latim como língua. Dos três séculos de dominação germânica, restaram-nos contribuições lexicais, especialmente em alguns campos semânticos, tais como os da guerra (*guerra, elmo, banda, dardo, galopar, roubar*), da indumentária (*fato, ataviar, roupa*), da casa e seu equipamento (*estaca, espeto*), dos animais (*ganso*). Somam-se a essas palavras *agasalhar, gana, branco, brotar, fresco*. Percebe-se também a contribuição dos germânicos em antroponímicos (*Fernando, Rodrigo, Gonçalo, Afonso*) e topônimos (*Guitiriz, Gomezende, Gondomar, Sendim, Guimaraes*).

No século VIII (711), os árabes, atravessando o estreito de Gibraltar, invadem e conquistam a Península Ibérica — com inclusão da Lusitânia e da Galícia —, onde permanecem por oito séculos.

Sua expulsão definitiva ocorreu em 1492, quando os reis católicos Fernando e Isabel apoderaram-se de Granada.

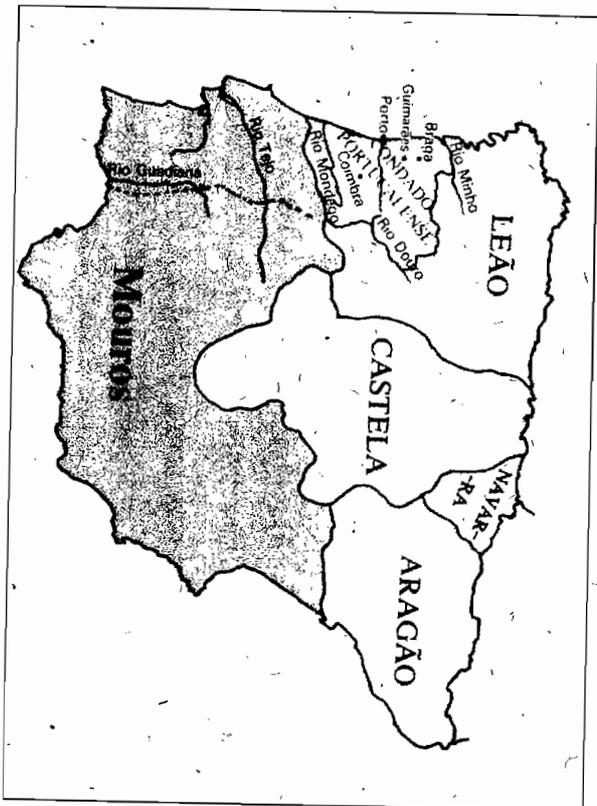
Essa longa permanência deixou a sua marca não só na cultura (agricultura, arquitetura, culinária etc.), mas também no léxico. Nem todos os arabismos portugueses, entretanto, são provenientes dos "mouros" peninsulares. Algumas palavras percorreram outros caminhos (vieram pela Itália, por exemplo); outras, provenientes da África, do Oriente ou da Ásia, foram introduzidas na época dos descobrimentos.

As palavras que integraram o léxico na época da invasão são muito numerosas e definem bem aspectos culturais da civilização árabe-islâmica. Entre elas citam-se as que se referem à agricultura (*açuda, alcachofra, alfafa, alfaca, azeite, azetoma, açafão*); aos animais (*janali*); às ciências, às técnicas e às artes (*algarismo, algebra, alfinete, alicate, alicerce, azulejo, almofada*); às profissões (*alfaiate, almocreve, arrais*); à organização administrativa e financeira (*alcaide, almoxarife, alfanega*); à culinária e à alimentação (*acepipe, açúcar*); à guerra, às armas e à vida militar (*alferes, refém*); à habitação urbana e rural (*arrabalde, aldeia*); às cores (*azul, azeiche, amil, carrim*) etc. É do árabe que provém a preposição *até* (de *hatta*). É comum verificar a aglutinação do artigo árabe *al* com os substantivos.

Percebe-se também a contribuição árabe em muitos topônimos portugueses: *Alcântara, Almada, Algarve*.

Com a chegada dos árabes, a população cristã refugiou-se ao norte da Península Ibérica, onde é formado o primeiro reino cristão das Astúrias. A reconquista prossegue, e os árabes são expulsos para o sul. Com as cruzadas, organizadas para combater "os infieis", surgem os reinos cristãos de Leão, Castela, Navarra e Aragão. Dom Afonso VI, rei de Leão, deu a dom Henrique de Borgonha, nobre que combateu pela fé cristã e prestou serviços ao rei, além de sua filha Tareja, parte do território desmembrado da Galícia, compreendido entre o Minho e o Mondego. Essa região recebeu o nome de Con-

dado Portugalense, de *Portucal*: (Porto + Cale, povoação situada junto à foz do rio Douro). Em 1064, Coimbra é reconquistada. A partir de 1095, os domínios do Condado Portucalense se estendem até o Tejo. Em 1147, Santarém e Lisboa são retomadas. Em 1249, com a tomada de Faro, o território de Portugal está consolidado.



Limite aproximado do Condado Portucalense

De acordo com Teyssier (1997, p. 6),

a invasão muçulmana e a Reconquista são acontecimentos determinantes na formação das três línguas peninsulares — o galego-português a oeste, o castelhano no centro, e o catalão a leste. Estas três línguas, todas três nascidas no Norte, foram levadas ao Sul pela Reconquista.

Foi entre o Douro e o Mondego que se formou o galego-português.

O GALEGO-PORTUGUÊS

Portugal torna-se independente no século XII, com a Batalha de São Mamede (1128). Dom Afonso Henriques, filho do conde Henrique de Borgonha e de dona Tareja, assumiu o governo do Condado Portucalense, separando-se de Leão. Portugal, assim, isola-se da Gália, região que integrará, posteriormente, o reino de Espanha.

Separado da Gália ao norte e conquistando as terras ao sul, em 1249, o território de Portugal atingiu os limites que praticamente correspondem aos atuais. Em 1255, dom Afonso III instala-se em Lisboa, que desde então passou a ser a capital do país. A língua galego-portuguesa, nascida no Norte, espalha-se, durante os séculos XIII e XIV, pelas regiões meridionais, onde eram falados dialetos moçárabes. Num primeiro momento, o galego-português é apenas a língua da lírica trovadoresca. A partir do início do século XIII, é nessa "língua vulgar" que surgem documentos, tais como testamentos, títulos de vendas etc.

Ao léxico latino, reduzido a 5 mil palavras que sofreram numerosas alterações fonéticas, são acrescentadas palavras provenientes de diversas línguas. Muitos fatores, tais como a chegada a Portugal de muitos franceses e o prestígio da literatura provençal, fazem com que a influência da língua d'oil e da língua d'oc seja muito forte durante o período do galego-português. Como exemplos de empréstimos do francês citam-se *dama*, *preste*, *sage*, *maison*. São empréstimos do provençal as palavras *assaz*, *alegre*, *manjar*, *rouxinol*, *jogral*.

O ato de recorrer a empréstimos latinos, preservados pela língua literária e pela Igreja, nunca deixou de ser praticado. Entre as palavras latinas de entrada mais antiga na língua, podem ser citadas *mundo*, *virgem*, *clérigo* e a sua variante *crérigo*, *diabo*, *escola*, *pensar*, cuja variante popular é *pesar*. Para dar uma idéia da complexidade

e da abundância desses empréstimos, Paul Teyssier (1997, p. 40) cita alguns colhidos do glossário das *Cantigas d'Escarnho e Mal Dizer*, na edição de Rodrigues Lapa (Editora Galáxia, 1965). Encontram-se aí *alegoria* (no sentido de *ciência, arte*), *animalha* (*animal irracional*), *apóstata*, *arcebispo*, *arcediano* (hoje *arceidiago*), *bautizar* (*baptizar/batizar*), *benefício*, *calendario* (hoje *calendário*), *câncer*, *ciença* (*ciência*), *ciolan* e *ciolar*, derivados de *ciola* (*de cithara*), *confessar*, *confirmar*, *dejeso*, *defesa*, *defenson*, *eiceicon* (*exceção/exceção*), *estrologia-astrologia*, *estrolomia* (*astronomia*), *fisico* (*médico*), *natura*, *natural*, *oficio* etc. Alguns desses vocábulo, existentes no latim, são, na verdade, de origem grega.

O PORTUGUÊS

No final do século XII, ¹² dom Dinis funda a Universidade de Coimbra, promovendo o desenvolvimento cultural do país. Esse rei-trovador ordenou que fosse usada a língua portuguesa nos documentos públicos, substituindo a oficial língua latina. Mandou também que se traduzisse a Bíblia.

Na metade do século XIV, o português, já separado do galego, torna-se a língua de Lisboa. Com o destocamento do pólo cultural do país para o Sul, a região entre Coimbra e Évora passa a ter fundamental importância. O galego começa a ser visto pelos portugueses como uma língua arcaica e rústica. Dessa forma, o eixo Lisboa-Coimbra, região antes moçárabe, transforma-se em centro de domínio da língua portuguesa. É aí que o português moderno vai constituir-se. A publicação de *Os Lusíadas*, de Camões (1572), costuma dividir a língua portuguesa em duas fases: a fase arcaica (do século XII ao XVI) e a fase moderna (a partir do século XVI).

16
No século XVI, com o Renascimento, o latim volta a ter muito prestígio. Restauram-se, dessa maneira, formas latinas que já haviam sido modificadas (*paterno/pai*, *plano/chão*, *plaga/prata*, *pluvial/chuva*). Os latinismos enriquecem o léxico português e recuperam-se as formas nominais sintéticas, tais como comparativos e superlativos eruditos (*maior*, *menor*, *inferior*, *superior*, *fidelíssimo*, *paupérrimo*).

Muitas vezes, as formas latinas coexistem com as que já haviam sido modificadas, como, por exemplo, *lítimo*, *legítimo* e *lindo*, ou ainda as variantes *malha*, *mancha*, *mácula*, *mágoa*; outras vezes, substituem as formas populares: *fremoso* foi substituído por *formoso*, os ordinais do tipo *onzeno*, *dozeno*, *trezeno* cedem lugar a *décimo primeiro* ou *undécimo* etc.

Além de se enriquecer com a recuperação de latinismos, o português moderno, assim como as outras línguas românicas, criou muitas palavras com base em radicais eruditos (gregos e latinos): *automóvel*, *telefone*. Percebe-se que esse processo de criação vocabular continua, ainda hoje, extremamente produtivo.

Com as grandes navegações (do século XIV ao XVI), além da influência italiana — os genoveses deram sua contribuição aos portugueses na arte de construir navios, o que se percebe em palavras-tais como *bonança*, *piloto*, *galera*, *proa*, *borrasca*, *fragata* —, o português europeu importou palavras da África, da Ásia e da América. Do Norte da África provêm mais arabismos: *cáfila*, *almadia* (*embarcação*), *monção*. Da África do Leste, do Oceano Índico, do Sudeste da Ásia e do Oriente incorporam-se ao português as palavras *zebra*, *girafa*, *banana*, *macaco*, *batuque* (África); *mulipa*, *turbante* (Pérsia); *catique*, *quiosque*, *odalisca*, *harém* (Turquia); *bule*, *pires*, *bambu*, *orangotango* (Malaca); *chá*, *chávena* (China); *leque* (Japão); *pagode* (Índia).



Até o século XVII, entretanto, a língua espanhola é a segunda língua dos portugueses cultos. Muitos escritores portugueses, como Gil Vicente, escrevem também em espanhol.

A partir do século XVIII, o francês passa a ser a segunda língua dos portugueses, já que é na cultura francesa que estudiosos vão buscar seus conhecimentos. Inúmeros galicismos chegam ao léxico português: *chefe, boné, blusa, rouge, chique*. Hoje as contribuições do inglês, que se tornaram mais numerosas depois da Segunda Guerra Mundial, são muito evidentes, particularmente na área da informática, e causam muita polêmica: *software, hardware, hamburger, shampoo* etc.

Se, por um lado, línguas africanas e asiáticas dão sua contribuição ao léxico português, cumpre lembrar que o português se instala como língua nas novas colônias. Se hoje praticamente se perde em Goa e Macau, há uma preocupação de que se mantenha no recente independente Timor Leste. Na África, ao lado dos dialetos crioulos, o português está vivo em Angola, Moçambique, São Tomé e Príncipe, Guiné-Bissau e Cabo Verde. É, no Brasil, entretanto, que a língua de Camões ganha o maior número de falantes.

O PORTUGUÊS DO BRASIL

O português europeu, trazido ao Brasil pelos primeiros colonizadores, encontrou em solo brasileiro as línguas dos indígenas que habitavam o território. Com a importação dos escravos africanos, surgiram "dialetos crioulos" que tinham por base a língua portuguesa, simplificada e alterada. Mas, sem dúvida, a contribuição do português foi mais forte. Os dialetos crioulos restringiram-se às zonas rurais mais isoladas e acabaram por ser eliminados.

No século XVIII, a corrida ao ouro, a busca das "minas gerais", fez com que houvesse uma ocupação do interior. O Brasil, embora tivesse algumas cidades europeizadas, como Olinda (século XVI), era um país basicamente rural.

Teyssier (1997, p. 94) resúme da seguinte maneira a situação linguística do Brasil colonial:

Os "colonos" de origem portuguesa falam o português europeu, mas evidentemente com traços específicos que se acentuam no decorrer do tempo. As populações de origem indígena, africana ou mestiça aprendem o português, mas manejam-no de uma forma imperfeita. Ao lado do português existe a língua geral, que é o tupi, principal língua indígena das regiões costeiras, mas um tupi simplificado, gramaticalizado pelos jesuítas.

A língua geral só entra em decadência na segunda metade do século XVIII. Com a criação de um decreto que proibia o uso da língua geral (1758) e com a expulsão dos jesuítas (1759) — principais defensores da língua geral —, a língua portuguesa passa a ser oficial em toda a extensão do território. Da língua geral sobreviveram palavras já integradas ao vocabulário português e muitos topônimos.

Provêm do tupi palavras como *caboclo, caipira, capim, cupim, cipó, cuia, mingau, mocotó, paçoca, paié, peréba, peteca, pipoca,*

pixaim, guri, caatinga, curumim, saci, caiçora. O vocabulário da flora brasileira de origem tupi é muito grande: *buriti, carnaúba, mandacaru, mandioca, sapé, taquara*. Dos nomes de árvores citam-se *peroba, canjarana, caroba, imbuia, jacarandá, araticum, ipê, cipó*; e dos nomes de frutas, *pitanga, maracujá, jabuticaba, cajú*. Em relação à fauna, podem ser mencionadas *anu, araponga, arara, gambá, jacaré, capivara, quati, tatu, sagui, sibiá, sucuri*. Palavras de origem tupi entram em expressões como *andar na pindaba, ficar de tocia*. Da toponímia brasileira citam-se *Aracaju, Guanabara, Ceará, Pará, Piauí, Pernambuco, Paraná, Guaratinguetá, Paqueta, Niterói, Iguaçu* etc. Entre os antropônimos encontram-se *Araci, Juraci, Jurema, Ubirajara* etc. São de origem tupi os sufixos *-açu* e *-mirim*.

As palavras africanas que entram no português brasileiro têm origens diversas. Além das palavras que foram diretamente da África a Portugal, e introduzidas no Brasil posteriormente (*inhame*), é bom lembrar que os escravos que aqui chegaram pertenciam a etnias diferentes. Entre as várias línguas africanas, o iorubá (falado atualmente na Nigéria) e o quimbundo (falado em Angola) se destacaram. O iorubá contribuiu com palavras relativas ao candomblé (*orixá*) ou à culinária (*vatapá, abará, acará, acarajé*). O quimbundo contribuiu com palavras de uso mais geral (*caçula, cafuné, molambo, moleque*). Esse vocabulário lembra a vida escrava nas plantações de cana-de-açúcar (*banguê, senzala*).

Em 1808, fugindo das invasões francesas, o príncipe regente e futuro rei dom João VI chega ao Brasil, acompanhado de 15 mil portugueses. O Rio de Janeiro, relutantemente, torna-se a capital do mundo português. A língua portuguesa, língua de maior potência cultural, utilizada pelas elites, triunfa. Quando dom João VI regressa a Portugal, em 1821, o Brasil está prestes a se tornar independente.

Depois de independente, o Brasil se deixa influenciar pela cultura francesa. A França é o grande centro político, econômico e cul-

tural da Europa. Muitos galicismos incorporam-se ao léxico do português: *suiã, maiô, cachecol, mantô*.

Os imigrantes europeus (sobretudo alemães e italianos) chegam ao território brasileiro, dando sua contribuição cultural e lingüística: *pizza, espaguete, tchau, chucrute*.

É claro que por conta dos fatos históricos e culturais, e também pela distância, o português brasileiro distingue-se do português europeu. Em relação ao léxico, percebe-se, por exemplo, que o *comboio* em Portugal é o *trem* no Brasil, que o *autocarro* em Lisboa é o *ônibus* em São Paulo, que o *bonde* no Brasil corresponde ao *eléctrico* em Portugal, que o *metrô* do Rio é o *metro* de Lisboa, e que a *nossa aeromoça* é a *hospedeira* portuguesa. A *caneta-tinteiro* no Brasil é a *caneta de tinta permanente* em Portugal, a *calcinha* da brasileira é a *cueca* da portuguesa, e o nosso *cafezinho* é a *bica* deles. Lá os *pedestres* são *pedes*, a *fila* é *bicha*, a *injeção* é *pica*, o *frentista* é o *gasolheiro*, o *celular* é *telemóvel* e o *mouse* de computador é simplesmente *rato*. Apenas no Brasil, *seis* é *meia* (abreviação de *meia dúzia*).

Lembra Teyssier que, à medida que se penetra nos registros familiares e coloquiais, as diferenças se acentuam. Os vocábulos gírios são diferentes. Mas, diz o autor,

é sobretudo quando se trata de identificar objetos e noções próprios à realidade brasileira, ao clima, à flora, à fauna, às tradições locais, aos costumes, à cultura popular, à vida social que o "brasileiro" manifesta a sua criatividade vocabular e fraseológica. E, para isso, tem recorrido frequentemente às duas fontes postas à sua disposição pelas duas populações com as quais os portugueses se misturaram no solo brasileiro: as línguas dos indígenas (em primeiro lugar, o tupi) e as línguas dos escravos negros.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Qualquer língua viva sente necessidade de renovação. A busca pela novidade faz parte do desenvolvimento cultural, social e linguístico do ser humano e está presente em qualquer universo de discurso, seja ele político, econômico, coloquial ou literário. É, portanto, no universo léxico que se formalizam transformações e mudanças pelas quais passa o sistema de valores tipicamente compartilhados.

A mutabilidade linguística — o aparecimento e o desaparecimento de determinados signos — é inevitável em qualquer língua viva. A dinâmica da renovação lexical nos permite observar como a língua organiza os dados da realidade.

Em nossos dias, a imprensa é a grande responsável pelo lançamento de criações lexicais. Elas acabam por vir à tona com tanta naturalidade que, muitas vezes, os falantes-ouvintes nem se dão conta de que estão diante de um novo vocábulo. As palavras novas, quando usadas com grande frequência, fazem com que desapareça rapidamente um possível choque da novidade, tornam-se conhecidas e sofrem o processo de desneologização. Depois que se integram no vocabulário usual, acabam por tornar-se, muitas vezes, símbolos de certo momento histórico ou de certos grupos sociais.

Há, ainda, criações que surgem com um objetivo específico, são válidas para aquele determinado momento e dificilmente chegam a fazer parte do dicionário da língua. São as criações literárias com objetivo estilístico. Chamadas por Guilbert (1975, p. 41) de *criações neológicas estilísticas*, elas se apoiam na expressividade, uma vez que, traduzindo idéias não originais de uma maneira nova, exprimem, de forma inédita, uma certa visão pessoal de mundo.

Para esse autor (1975, pp. 15-6), o aspecto mais diretamente perceptível e o mais discutível da mudança linguística é, com efeito, o nascimento das novas relações lexicais entre os significantes e

os significados em referência a coisas, a criações, a pensamentos novos. Em seu aspecto referencial, a mudança linguística responde à necessidade elementar do conhecimento que casa com os ritmos da evolução do mundo, da necessidade de comunicação de toda nova experiência.

Mas a comunicação, que é o objeto da simbolização operada pelo sistema de uma língua, confere-lhe um caráter social. O signo permite a cada um coordenar seu pensamento e comunicá-lo aos outros. A língua é, então, o lugar em que se encontram as necessidades contraditórias, as mudanças, as estabilizações. O sistema linguístico traz consigo mesmo uma força de conservação socialmente necessária.

Para Martinet (1967, p. 29), qualquer mudança é inerente ao funcionamento da língua, pela justaposição de gerações diferentes em uma mesma comunidade, em um dado momento, e pela diversidade das situações linguísticas reais.

A língua cria as normas e as possibilidades de criação de novos signos linguísticos, e o seu uso concretiza essas possibilidades. Segundo Coseriu (1967, p. 98), a norma impõe-se ao indivíduo, limitando sua liberdade expressiva e comprimindo as possibilidades oferecidas pelo sistema. Para esse autor, a norma é um conjunto de obrigações, de imposições sociais e culturais, e varia de acordo com a comunidade. Em uma mesma comunidade linguística e em um mesmo sistema funcional há várias normas distintas, sobretudo no que diz respeito ao vocabulário. Cabe, entretanto, a cada indivíduo falante a aplicação original do sistema, dentro e fora do permitido pela norma.

Para Hjelmstev (1966, p. 64), o uso da língua decide quais as possibilidades a serem exploradas. A estrutura da língua, dessa forma, não limita sua criação nem seu desenvolvimento; ao contrário, ela guarda todas as possibilidades virtuais de enriquecimento e de mudanças.